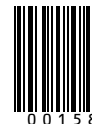
Revisão histórica e toponímica do itinerário de Emil Kaempfer no Mato Grosso do Sul

ISSN 1981-8874

9 771981 887003 00158

Fernando Costa Straube[1] & Alberto Urben-Filho[2]

Ainda pouco conhecido no sentido ornitológico, o estado do Mato Grosso do Sul é uma área de relevante interesse biogeográfico que, até o presente, permanece subestimada no tocante à sua composição avifaunística como um todo. De conhecimento fortemente focado na Planície do Pantanal, onde abundam publicações pertinentes (para revisão, *vide* Tubelis & Tomas, 2003), os outros setores de seu território permanecem ainda obscuros e merecedores de escassos estudos de composição (Pivatto *et al*., 2006). No mesmo sentido pode-se afirmar sobre a merecida análise das contribuições, sob a forma de material documental e mesmo crônicas, deixado pelos tantos naturalistas que naquela região se aventuraram, em busca de informações sobre as suas características ambientais.

O legado da expedição do naturalista alemão Emil Kaempfer ao Brasil e adjacências fronteiriças da Argentina, Paraguai e Uruguai é unanimemente reconhecido como uma das mais importantes contribuições à Ornitologia brasileira de todos os tempos. Entretanto, com exceção da breve intervenção de Camargo (1962), poucos se aventuraram e investigar a fundo os tantos detalhes de sua estada de quase seis anos no País, compreendida entre dezembro de 1925 (Maranhão) e outubro de 1931 (litoral sul do Rio Grande do Sul) (Naumburg, 1928, 1935). Essa situação se repete-se lamentavelmente na consideração dos espécimes obtidos, dos quais apenas uma pequena parcela é tratada por Naumburg (1928, 1934, 1937, 1939) e somente os espécimes gaúchos são revisados por Belton (1984, 1985). Afora essas compilações, ainda há algumas outras, dispersas pela literatura, no tocante a alguns exemplares examinados em revisões mais amplas (p.ex. Zimmer 1931a e subsequentes).

Se considerado como um todo, o itinerário de Kaempfer pelo Brasil parece razoavelmente bem esclarecido, mediante a excelente revisão apresentada por Naumburg (1935), baseada primariamente nos rótulos dos espécimes colecionados e também na correspondência trocada entre o próprio naturalista e essa autora entre os anos de 1926 e 1931.

No entanto, uma análise mais cuidadosa de datas, percursos e, principalmente, da factibilidade para percorrê-los na época considerada, aponta para certos problemas cronológicos, levando a discrepâncias em torno de datas e locais em alguns estados brasileiros por onde teria o naturalista passado (Straube & Scherer-Neto, 2001). No presente estudo, analisamos o trajeto utilizado para seu trabalho de campo no Mato Grosso do Sul e, sob indícios de novas informações geográficas e históricas colhidas *in situ*, incluímos algumas correções necessárias para o esclarecimento de sua breve estada nessa unidade da federação.

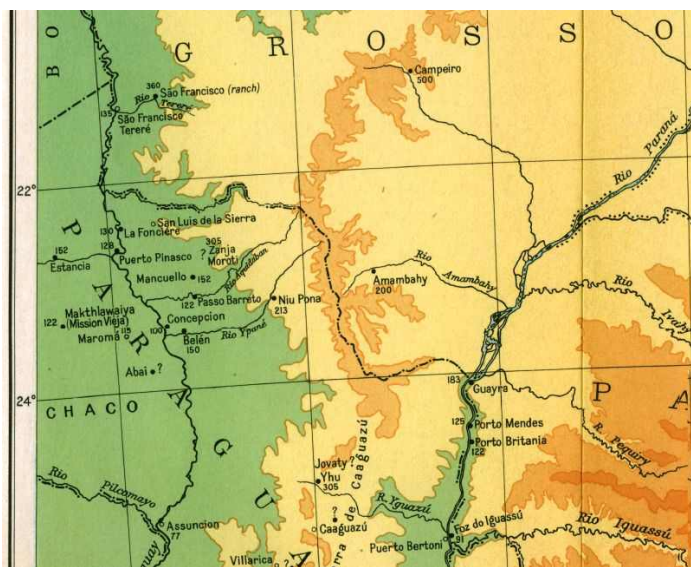



Figura 1. Fragmento do mapa encartado em Naumburg (1935) indicando as localidades visitadas por Emil Kampfer no oeste do Paraná, sul do Mato Grosso do Sul e Paraguai.

O itinerário de Kaempfer: controvérsias

É certo que tudo o que se conhece positivamente sobre o pequeno percurso visitado por Kaempfer no estado do Mato Grosso do Sul resume-se à revisão geral do itinerário apresentada por Naumburg (1935), bem como algumas rápidas e descompromissadas menções na literatura especializada (p.ex. Pacheco & Bauer 1994, 1995, Pivatto *et al.* 2006). Cabe, no entanto, à primeira autora as palavras até então tidas como definitivas sobre o assunto, tal como transcrito abaixo (Naumburg 1935:467-468).

MATTO GROSSO

AMAMBAHY (town). – Alt. 650 ft. ; June 22-30, 1930.
AMAMBAHY, RIO. – June 22-30, 1930.
CAMPANARIO.[1] – Alt. 1200 ft. ; June 7, 16, 19, 20, and July 6-17, 1930.

[1] Not located ; on map as Campeiro.

SÃO FRANCISCO (ranch). – Alt. 1200 ft.[1] ; July 3, 1930.
SÃO FRANCISCO TERERÉ. [2] – Alt. 135 meters.
TERERÉ, RIO. – July 3, 1930.

[1] Altitude seems to high but given by collector.
[2] No date given by collector as no collecting was done just there.

[1] A coleção oriunda do Mato Grosso do Sul obtida por Kaempfer e depositada no *American Museum of Natural History* (AMNH) de Nova York consta de 290 exemplares, colecionados em "Campanario", "Rio Amambahy" e "São Francisco Ranch" (T.Trombone, 2009, *in litt*.).

[2] Consideradas apenas as informações geográficas relevantes e somente aquelas alusivas a Kaempfer; nenhuma destas localidades é tratada por Vanzolini (1992).

Paynter & Traylor (1991) em seu "*Ornithological Gazetteer of Brazil*" assim se posicionam, na tentativa de identificar e localizar os topônimos:

> **AMAMBAÍ**: Mato Grosso do Sul
> 2305/5513 (USBGN)
>
> 545 m; in southernmost Mato Grosso do Sul, 105 km SW of dourados and 15 km S of Rio Amambaí, near its head; Kaempfer, 22-30 June 1930 (Naumburg, 1935:467 as 'Amambahy').
>
> **CAMPANÁRIO**: Mato Grosso do Sul
> 2248/5503 (USBGN)
>
> 1,200 ft [360 m] (Naumburg, 1935:467); in southern part pf state 70 km SSW of Dourados and 38 km NE of Amambaí; Kaempfer, 7, 16, 19-20 June, 6-17 July 1930 (Naumburg, 1932:9), as 'Companario'; 1935:467; erroneusly spelled 'Campeiro' on map).
>
> **SÃO FRANCISCO DO TERERÉ**; Mato Grosso do Sul
> 2119/5750 (USBGN)
>
> ca. 25 m, in swampy southwestern part of state on Rio Tereré, near its mouth on Rio Paraguai; Kaempfer, at 1,200 ft. [360 m] [?], 3 July 1930 (Naumburg, 1935:468, map, as 'São Francisco (ranch)'; Vaurie, 1966, Amer.Mus.Novit. no. 2251, p.27 as 'São Francisco, Campanario, Mato Grosso'; Vaurie reference presumably to this locality, but this os not near Campanario".
>
> **TERERÉ, RIO**; Mato Grosso do Sul
> 2120/5749 (USBGN)
>
> Small tributary on eastern side of upper Rio Paraguai, with its mouth 40 km N of Pôrto Murtinho, southwestern Mato Grosso do Sul; Kaempfer, on river [where?] and at 'São Francisco (ranch)' [São Francisco do Terere], 3 July 1930 (Naumburg, 1935:468).

Com base nesta preleção descuidada, o natural seria aceitar que Emil Kaempfer teria adentrado o Mato Grosso do Sul por meio da cidade paranaense de Guaíra, transpondo o Rio Paraná (na altura das extintas Sete Quedas) e dali seguido por toda a zona fronteiriça com o Paraguai, desde a Serra de Maracajú e pelo Rio Apa até as proximidades da região chamada de Fecho dos Morros (perto da cidade de Porto Murtinho) (Figura 1).

Figura 2. O sul do Mato Grosso [do Sul] em esboço cartográfico apontando as regiões onde ocorria a erva-mate em quantidades comerciais e a extensíssima área de concessão da *Companhia Matte Larangeira* (Fonte: Lima-Figueiredo 1942).

O detalhe que fragiliza essa conclusão, entretanto, é geográfico e cronológico: as localidades de Campanário e do ponto onde pretensamente estaria o "São Francisco do Tereré", tem quase 350 km entre si em linha reta, trecho totalmente inviável de ser percorrido, na época, em tão pouco tempo. Se avaliadas as informações de Naumburg (1935), Kaempfer deveria ter retornado a "Campanário" após sua visita à citada [Fazenda] "São Francisco", o que reforça essa suspeita. A mesma incongruência é verificada nas localidades paraguaias posteriormente visitadas, todas elas muito mais próximas da cidade de Ponta Porã (Brasil) e Pedro Juan Caballero (Paraguai) do que de quaisquer das margens do rio Paraguai (*vide* adiante).

Seguindo a lógica e as demais informações cronológicas disponíveis, é possível supor que Kaempfer esteve no Mato Grosso do Sul pelo menos entre 7 de junho e 17 de julho de 1930, que são as datas, respectivamente, mais recuadas e avançadas de exemplares ali coletados.

Mas, afinal, porque Kaempfer teria ampliado a sua viagem e seguido por esse caminho e não, simplesmente, adentrado no território paraguaio diretamente pela transposição do rio Paraná em Guaíra, na região de *Salto del Guayrá* ? E, ainda, como explicar a sua estada no dia 7 de junho em "Campanario" se no dia 2 estaria em Foz do Iguaçu e no dia 9 de junho em Guaíra, para aparecer

Figura 3. Peça preservada na vila da sede da Fazenda Campanário (Mato Grosso do Sul): locomotiva e um vagão do pequeno trem utilizado para o transporte de erva-mate da sede da fazenda até as margens do Rio Amambaí (Fotos: F.C.Straube).

Figura 4. Flagrantes do transporte da erva-mate em Porto Felicidade, para o qual utilizava-se de tração animal bovina em carroças de rodas enormes e barcaças por via fluvial (Fonte: acervo da Fazenda Campanário).

novamente em Campanario no dia 16 ? As respostas, ou suposições, podem ser mais aclaradas nos itens seguintes do presente ensaio, baseados em análise de fontes históricas diversas e visita realizada pelos autores a essa região em 13 de outubro de 2009.

O trajeto da erva-mate: bases históricas

A erva-mate, oriunda das folhas da aquifoliácea *Ilex paraguariensis*, é um produto de imensa importância no cenário histórico paranaense e de toda a região fronteiriça, desde mesmo o Século XVII. Largamente utilizada pelos indígenas, participou, direta ou indiretamente, de quase todos os ciclos econômicos locais e, até os dias de hoje, possui significativo espaço no cenário econômico dos três países (Brasil, Paraguai e Argentina) e quatro estados brasileiros (Mato Grosso do Sul, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) onde a planta ocorre espontaneamente.

Em 1877, o comerciante catarinense Thomaz Larangeira criou em Concepción (Paraguai) a "*Empresa Matte Larangeira*" voltada ao extrativismo e comercialização da planta. Inicialmente modesta, a iniciativa cresceu e obteve do governo imperial brasileiro (Decreto Imperial n° 8977 de 9 de dezembro de 1882) uma imensa concessão para atuar também no Brasil, estabelecendo-se às margens do rio Paraguai, no então "Matto Grosso" (Figura 2). Por ocasião da Proclamação da República do Brasil (1889), pela grande penetração política de Thomaz, a empresa se expandiu substancialmente, graças ao monopólio de extração e comércio da erva-mate a ela atribuído em toda a sua área de atuação, ocorrido em 1890. Dois anos depois a empresa muda de nome, agora "Companhia Matte Larangeira", em virtude da venda da maior parte das ações à influente e rica família Murtinho, por meio do "Banco Rio Branco e Matto Grosso" que a essa família pertencia. Na ocasião, planejando o crescimento estrondoso que estava por vir, o grupo empresarial adquiriu a Fazenda Três Barras, situada na margem esquerda do Rio Paraguai e ali estabeleceu um porto fluvial, denominado Porto Murtinho, em alusão ao patriarca Joaquim Murtinho. Com isso, a área arrendada, que era inicialmente pequena, passou, em 1895 a uma área próxima de 5 milhões de hectares da região meridional do Mato Grosso do Sul.

Não tardou para que, às portas do Século XX, a já poderosa empresa passasse a dominar totalmente a exploração e o mercado de exportação da erva-mate, suprindo grandes centros como Assunção, Buenos Aires e mesmo alguns países da Europa. Só para se ter uma ideia, estima-se que a receita anual da empresa, em 1924, era seis vezes maior do que de todo o estado do Paraná (Wachowicz 1982).

No fim dos anos 20 e início da década seguinte, período que coincide com a presença de Kaempfer no Brasil, o trajeto percorrido pela erva-mate que era comercializada pela empresa "*Matte Larangeira*" abrangia basicamente suas duas bases logísticas: "Campanario" (sede extrativista) e "Porto Guayra" (sede administrativa). Ambas, assim como o entreposto de Porto Felicidade, às margens do Rio Amambaí, recebiam, desde a década de 10, recursos vultosos por parte da companhia, por meio de investimentos de infraestrutura e transportes.

Na Fazenda Campanário a erva-mate era colhida por centenas de trabalhadores locais, graças às grandes quantidades do produto que ali existia em condições naturais. Em seguida, a erva passava por todo o processo de preparação (incluindo a "sapecada" ou queima prévia), colheita, passagem pelo "barbacuá" (forno de secagem), "cancheamento" (moagem) e armazenamento. Todo esse processo era feito nos arredores da fazenda, em instalações construídas exclusivamente para esse fim e encontra-se bem documentado (p.ex. Melo e Silva 1939).

Uma vez acondicionada em grandes sacas, a erva era transportada por trem (Figura 3) por uma pequena ferrovia que ligava Campanário a outro ponto da propriedade, situado às margens do rio Amambaí. De lá seguia ao longo do rio até certo ponto onde havia uma série de corredeiras e pequenos saltos que tornavam a navegação inviável.

Graças a esse detalhe orográfico é que a parte seguinte do transporte era realizada com tração animal, ou seja, no lombo de mulas ou em grandes carroções (de rodas enormes) puxados por boi, que levavam a safra até o "porto fluvial do Amambaí", conhecido como Porto Felicidade (Figura 4); eventualmente também se considera-

Figura 5. Porto Mendes, no Rio Paraná, visto da margem paraguaia, mostrando a grande inclinação ali existente e o percurso das zorras (Fonte: http:www.radioeducadora.com; acessada em 2 de setembro de 2010).

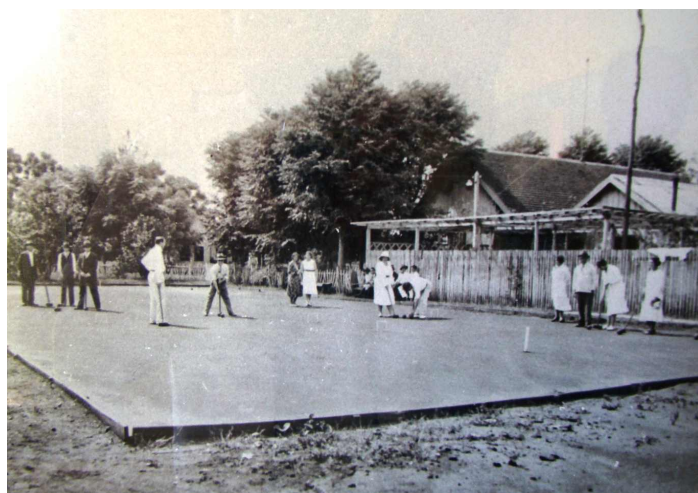
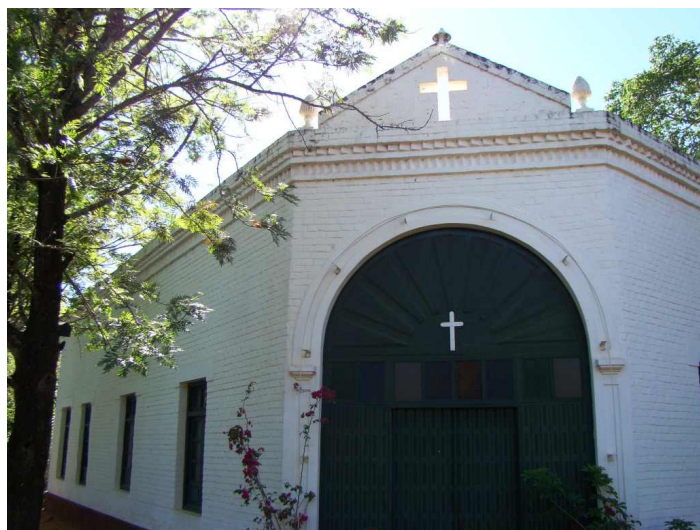



Figura 6. Quase que uma cidade, a Fazenda Campanário dispunha de moderna infraestrutura, incluindo amplo "Consultorio Medico" e 'Pharmacia" e até uma quadra de *cricket* (acima) (Fonte: acervo Fazenda Campanário). Grande parte das edificações se preservam até os dias de hoje (abaixo) (Fotos: Alberto Urben-Filho, outubro de 2009).

va o transporte humano, ou seja, com os trabalhadores, a pé, carregando enormes fardos e, mais modernamente, na carroceria de caminhões (vide fotos em Melo e Silva 1939:171 e 179).

Ali a erva era estocada brevemente em um grande galpão que dava acesso ao rio, de onde era levada por diversos tipos de embarcações, especialmente a vapor. A partir daí, seguia pelo Amambaí até sua desembocadura no Rio Paraná. Então acompanhavam a margem direita deste rio, passavam o limite sul das ilhas Grande e do Pacu e chegavam finalmente a Guaíra, na época contígua aos saltos das Sete Quedas.

De Guaíra, por sua vez, a erva era levada de trem até Porto Mendes, em ferrovia especialmente construída pela empresa. Essa estrada de ferro peculiar, com 60 km de extensão, contornava as pequenas elevações do relevo daquela região, sendo percorrida por trens pequeninos com apenas 60 cm de bitola, lembrando um "...brinquedo de criança", segundo Nogueira (1920).

Esse transporte por via férrea começou apenas a partir de 1915; antes disso, a erva era transportada por carroças de tração bovina até a altura de *Salto Kãrãpã* (Paraguai) onde passava por grandes roldanas que permitiam a transposição do Rio Paraná para a margem paraguaia. Por muitos anos foi uma via de acesso de uso exclusivo da *Matte*, mas, já no fim da década de 20, a ferrovia foi aberta ao público, por meio do Decreto n° 365 de 27 de fevereiro de 1929.

O Porto Mendes, na margem esquerda do Rio Paraná, era situado à jusante de Guaíra. Propriedade da *Matte Larangeira*, era um local especialmente projetado para o embarque da erva-mate, dispondo inclusive de uma zorra (rampa para abastecimento de navios) a vapor; nesse ponto, o rio Paraná conta com 200 metros de largura (Figura 5).

Possuía enorme importância estratégica e logística: de lá a erva seguia por grandes navios rumo a Buenos Aires, passando por Foz do Iguaçu, Posadas, Corrientes e, por fim, chegando à foz do Rio da Prata. Porto Mendes era um local muito prestigiado no panorama social e econômico da época. Ali aportavam embarcações grandes e especialmente adaptadas ao transporte de erva-mate. Um dos navios mencionados por Nogueira (1920), chamado "Tembey" tinha 54 x 8 metros, com 4 pés de calado e movidos por uma grande roda na popa. O motor, movido a lenha, podia carregar até 1.800 sacas de erva-mate, cada uma com 60 kg, ou seja, um montante aproximado de 108 toneladas de carga.

Há razoáveis descrições na literatura (Silveira Neto 1914, Nogueira 1920, Lima-Figueiredo 1937, 1944, 1947) acerca desse trajeto, bem conhecido a partir de fontes historiográficas, algumas delas bastante minuciosas. Interessa-nos, no entanto, esclarecer os topônimos visitados por Kaempfer em sua estada no Mato Grosso do Sul, os quais são apresentados a seguir.

A Fazenda Campanário

Naumburg (1935), além das fontes por ela mencionadas, baseou-se também em mapas para indicar os pontos de visita de Emil Kaempfer ao Mato Grosso do Sul. Em certos casos, a conclusão sobre a localização precisa de tais locais foi desastrosa (*vide* também abaixo sob Fazenda São Francisco). Uma dessas incorreções refere-se à Fazenda Campanário plotada em mapa como "Campeiro" (hoje distrito de Sidrolândia) lugarejo dali distante por mais de 180 km (*vide* Figura 1), talvez com base em semelhança toponími-

Figura 7. Antiga sede da Fazenda Campanário vista de frente nos anos 30 (Fonte: Acervo Fazenda Campanário) e modernamente, em visão lateral (Foto: A.Urben-Filho).

ca e com base na altitude informada pelo coletor, mas, por fim, admitindo como "*not located*".

Na realidade, a Fazenda Campanário se tratava, naquela época, de um centro importantíssimo de extrativismo da erva-mate, amplamente conhecido e fartamente documentado. Foi construída e estabelecida por volta de 1910, durante a administração de Heitor Mendes Gonçalves (de onde vem, inclusive, o topônimo "Porto Mendes"). Segundo Guillen (2003a,b, 2007) a propriedade, tal como Guaíra, tratava-se de um centro urbano emergente, dispondo de infraestrutura invejável para os padrões normalmente conhecidos, com água encanada, sistema hierárquico de residências, quadras esportivas, cinema, hospital, farmácia e até telefone e telégrafo, serviços que permitiam a comunicação entre as duas sedes e também Porto Felicidade. Para essa mesma autora: "Campanário, em 1930, tinha mais de mil habitantes, e cerca de trezentas casas, enquanto Guaíra era um pouco maior. Tais dimensões podem nos parecer ínfimas, mas, se comparadas às povoações que existiam na fronteira nessa época ambas pareciam mesmo duas grandes cidades" (Figuras 6 e 7).

Foi exatamente sob essas circunstâncias que Emil Kaempfer ali permaneceu, entre os meses de junho e julho de 1930, colecionando espécimes nos arredores da propriedade e a eles consignando o topônimo como localidade de coleta.

A Fazenda Campanário é hoje uma grande propriedade rural contando com 37.000 hectares onde se pratica a pecuária e agricultura de soja e milho. Contém uma pequena vila com cerca de 20 edificações onde reside parte dos seus 220 funcionários e também uma reserva legal com mata preservada, somando 7.800 hectares distribuídos em vários remanescentes, dos quais um deles com 3600 ha.

Figura 8. Sede da Fazenda Campanário (imagem capturada do Google Earth, a 7,28 km de altura, em 1° de setembro de 2010), indicando a sua localização e o contexto ambiental, com diversos remanescentes florestais preservados.

Situa-se no município sul-matogrossense de Laguna Caarapã a 22°47'05,24"S e 55°04'01,48"W e a uma altitude de 420 m (Figura 8), distante cerca de 32 km (mais 3 km de acesso secundário sinalizado) da cidade de Caarapó, pela rodovia MS-156 após passar os rios Piratini e Campanário.

O Porto Felicidade

Porto Felicidade, topônimo fluvial às margens do Rio Amambaí, era apenas mais um – embora fosse o mais importante – dentre muitos outros portos por onde passava a erva-mate proveniente da Fazenda Campanário e pertencente à grande rede fluvial empreendida pela *Matte Larangeira* para coletar o produto oriundo do sul do Mato Grosso do Sul. Entre Campanário e Guaíra, utilizava-se – de acordo com a circunstância e a época – os rios Iguatemi, Pirajuí, Maracaí, Laranjaí, Guiraí, Pirabebe e Ivinhema. Por eles "*...cruza um grande número de embarcações, rebocadas por lanchas a vapor e a motor de explosão. Desembocam no Paraná e descem em direção a Guaira, levando a erva coletada naquela emaranhada floresta de centenas de léguas quadradas, de rumos confusos e atordoantes. E quase todos os rios acima indicados têm também os seus afluentes, por onde é veiculado o produto colhido no esgalhado de ervais perdidos naquelas brenhas*" (Melo e Silva 1948).

Atualmente, pode-se acessar facilmente o porto, que se encontra na margem esquerda da Rodovia MS-180 (que liga Juti a Iguatemi, a cerca de 13 km da primeira) e muito próximo da ponte sobre o Rio Amambaí, construída em 1983 (Figura 9). A localização precisa é 22°58'15,54"S e 54°33'49,23"W, altitude de 260 metros.

Nesse local há apenas duas edificações, ambas bastante antigas, em péssimo estado de conservação, mas servindo de testemunho valioso sobre os tantos acontecimentos que ali ocorreram nos anos 20 e 30. Uma dessas construções é um grande barracão que dá para o Rio Amambaí; em sua arquitetura é possível perceber detalhes como a matéria-prima utilizada, árvores de lei, outrora abundantes na região e até mesmo os resquícios da escadaria por onde a erva era transferida do galpão para o rio (Figura 10).

A paisagem local, segundo nossas próprias observações, é constituída por uma floresta estacional bastante modificada, dominada por extensivas frentes agrícolas e de pecuária extensiva. Esse padrão florestal é notado em particular na beira do Rio Amambaí, onde parcela da vegetação foi preservada (Figura 9). Há que se ressaltar, porém, que segundo informações de um antigo morador da região (Sr. Adão Daniel Filho, na época com 76 anos de idade), nas áreas entre a cidade de Juti e o rio, especialmente em pontos mais planos e de maiores altitu-

Figura 9. Porto Felicidade (imagem capturada do Google Earth, a 1,22 km de altura, em 1° de setembro de 2010), indicando a sua localização precisa às margens do Rio Amambaí, nas proximidades da Rodovia MS-180, onde (abaixo) está a ponte sobre o mesmo rio.

des, a fitofisionomia dominante era o cerrado, tanto formando campos cerrados ("*onde tinha muitas emas...*") quanto transições de vegetação mais robusta, ou seja, cerradões. Em direção ao Rio Amambaí, a paisagem se modificava gradativamente obedecendo a orografia: antes uma mata estacional de "solo vermelho", depois uma mata seca de difícil transposição e com abundantes bromélias espinhentas e, então, a várzea do Rio Amambaí, formada por matas sazonalmente alagáveis.

O trajeto de Kaempfer no Mato Grosso do Sul

Desvendar o caminho percorrido por Kaempfer no Mato Grosso do Sul exige o conhecimento, antes de tudo, dos pontos onde ele adentrou e deixou o território desse estado. Mas também obriga a análise de algumas localidades visitadas nos territórios contíguos do estado do Paraná e da República do Paraguai (Tabela 1).

Tabela 1. Progressão cronológica dos pontos visitados por Emil Kaempfer no oeste do Paraná (PR), Mato Grosso do Sul (MS) e leste do Paraguai (Fonte: Naumburg, 1935).

DATA (ANO DE 1930)	LOCALIDADE
14 a 26 de abril	Guayra – PR
1 a 2 de maio	Porto Mendes (Rio Paraná) – PR
5 a 9 de maio	Porto Britania (Rio Paraná) – PR
16 a 29 de maio	Foz do Iguassú – PR
maio ou junho (?)	Puerto Bertoni – Paraguai
7 de junho	Campanario – MS
9 a 11 de junho	Guayra – PR
16, 19 e 20 de junho	Campanario – MS
22 a 30 de junho	Rio Amambahy – MS
3 de julho	Fazenda São Francisco – MS
6 a 17 de julho	Campanario – MS
25 a 30 de julho	Ñu Porã (Rio Ypané) - Paraguai
5 a 11 de agosto	Belén (Rio Ypané) - Paraguai
15 e 16 de agosto	Campos do Mancuello - Paraguai

Não há dúvida, pelo exposto, que há algo de estranho no confronto entre trajeto e datação informados por Naumburg (1935), uma vez que intercalam pontos paranaenses, sul-mato-grossenses e paraguaios, sem uma lógica aparente.

O percurso percorrido entre 14 e 29 de maio, ou seja, entre Guaíra e Foz do Iguaçu parece mais do que óbvio: primeiro Kaempfer saiu de Guaíra pela estrada de ferro até Porto Mendes e, de lá, seguiu pelo Rio Paraná até a cidade de Foz do Iguaçu. Em algum momento (infelizmente Naumburg não menciona a data), decidiu visitar "Puerto Bertoni" o que poderia ter sido realizado, sem nenhuma dificuldade pelo Rio Paraná. Esse local é a antiga sede de uma fazenda, na margem direita do Rio Paraná, defronte à fronteira com a Argentina e que era propriedade da família do naturalista suíço Moisés Santiago Bertoni (1857-1929), um dos mais expressivos intelectuais sul-americanos de todos os tempos (para biografia *vide* Baratti e Candolfi, 1999). Ali o cientista dedicava parte do seu tempo realizando pesquisas de grande valor nos campos da biologia (especialmente botânica), linguística e meteorologia, bem como ao cultivo de espécies nativas ou exóticas e manutenção de uma pequena biblioteca e museu de animais colecionados nas redondezas.

A localidade é clássica pelos inúmeros exemplares lá obtidos e depositados em várias coleções de todo o mundo, especialmente por iniciativa de seu filho Arnoldo de Winkelried Bertoni (1878-1973), autor das famosas obras "*Aves nuevas del Paraguay: continuación a Azara*" e "*Fauna Paraguaya*" (Bertoni 1901, 1913). Parece sugestivo imaginar, desta forma, que Kaempfer ao chegar em Guaíra, tomou conhecimento da presença deste ponto relevante e, por motivos vários, decidiu visitá-lo. Já amplamente amostrado o local, no tocante à sua avifauna, pouco se interessou Kaempfer em despender seu tempo com essa atividade, o que explica a inexistência de material documental dali procedente.

Essa estada na região fronteiriça brasileira é apenas indicada discretamente no mapa apresentado por Naumburg (1935) e, pela contingência política, aparece no item "Paraguay", cujas demais localidades destoam bastante quanto às datas. De fato, todas as localidades paraguaias, com exceção de "Puerto Bertoni", foram visitadas entre julho de 1930 e janeiro de 1931, portanto, depois de sua estada no Mato Grosso do Sul (junho a julho de 1930).

Parece que Kaempfer, durante suas viagens, fazia verdadeiras pesquisas sobre locais interessantes para trabalhar. Em alguns casos, acreditamos que ele chegava a fazer vistorias prévias nessas regiões, para depois – com melhor logística – dirigir-se definitivamente a eles. Isso explicaria a próxima datação: 29 de maio em Foz do Iguaçu (incluindo uma visita a Puerto Bertoni), 7 de junho na Fazenda Campanário, depois 9 a 11 de julho novamente em Guaíra e, enfim, 16 de junho de retorno a Campanário.

Ocorre que, refém da navegação fluvial dos rios Paraná e Amambaí para ligar as duas sedes da *Matte Larangeira*, foi construída pela empresa, nos anos 20, uma estrada – segundo consta, em excelente estado de conservação – que possibilitava uma via de acesso num tempo de três horas entre Guaíra e Campanário (Guillen 2003). E automóveis, naquela época, especialmente em dois expressivos centros urbanos como Guaíra e Campanário, não eram raros, servindo, inclusive, como forma de ostentação das classes mais abastadas (Figura 11).

Dessa forma, parece lícito imaginar que Kaempfer, ao chegar em Guaíra e inevitavelmente ser informado sobre essa "moderna condição", teria realizado uma visita rápida, de apenas um dia ou dois, à sede da Fazenda Campanário, seguindo pela rodovia da *Matte Larangeira*! Atravessara o Rio Paraná por balsa e, a partir do Porto Dom Carlos, estaria já na estrada. Decidida a logística, retornaria a Guaíra, ali permanecendo mais alguns dias (9-11 de junho) para, então, seguir viagem pelo interior do Mato Grosso do Sul. Essa é uma hipótese bastante convincente o que, *a priori*, poderia ser interpretado como erro de rotulagem ou mesmo tipográfico.

Uma documentação extremamente valiosa que fornece informações sobre essa região é um filme mais ou menos contemporâneo de Kaempfer, que foi produzido por Luiz Thomas Reis, major do Exército brasileiro conhecido como cinegrafista da Comissão Rondon. Em uma de suas obras, datada de 1931 e da qual apenas tivemos acesso à resenha[3], aparece todo o caminho percorrido pela "Inspeção de Fronteiras" liderada por Rondon em 1925, a fim de acompanhar a Coluna Prestes. Segundo a descrição, "*os membros do S.P.I.* [Serviço de Proteção ao Índio, hoje Funai] *chegam ao Porto D. Carlos. localizado à margem direita do rio Paraná, no estado de Mato Grosso* [do Sul]*, que liga-se por estrada de rodagem ao Porto da Felicidade e à Campanario. Descendo o rio Paraná avista-se Guaíra, onde encontra-se a vila industrial da Companhia Matte Laranjeira*". De fato, esse ponto de travessia do Rio Paraná é bem citado na literatura em geral, tendo sido inclusive mencionado em mapa por Lima-Figueiredo (1937).

Graças a essa prestativa descrição, fecham-se também os detalhes sobre a visita ao Rio Amambaí e, inclusive, fica esclarecido definitivamente que a "Fazenda São Francisco, Rio Tereré" não se localiza na região inidcada costumeiramente na literatura.

De acordo com as datas mostradas por Naumburg (1935), e considerando-se sinônimos os pontos chamados *São Francisco (ranch)*, *São Francisco Tereré* e *Rio Tereré* (todos apenas mencionados como visitados em 3 de julho), as localidades visitadas por Kaempfer foram: *Campanario* (até 20 de junho) – *Amambahy (town)* e *Rio Amambahy* (ambas entre 22 e 30 de junho) – *São Francisco/Rio Tereré* (3 de julho) – *Campanario* (6-17 de julho).

De acordo com os rótulos originais da coleção Kaempfer, ainda, há duas localidades atribuídas a "Campanario", distinguíveis pela altitude: "1100 f[ee]t" e "1200 f[ee]t" (respectivamente 335,28 e 365,76 metros). Essa pequena diferença orográfica nada significa no contexto de distribuição, mas aponta para o fato do coletor ter tido o cuidado de mostrar dois pontos distintos de coleta, detalhe esse que foi omitido por Naumburg (1935). Segundo a mesma fonte, não há uma localidade de "*Amambahy (town)*": o topônimo de coleta é clara e invariavelmente mencionado como "*Rio Amambahy*" e, nos rótulos, a altitude informada é tão somente "*650 ft.*". Apontar a altitude em que, ao longo de um rio, encontra-se uma

[3] http://base2.museudoindio.gov.br/cgi-bin/wxis.exe?IsisScript=phl82/003.xis&bool=exp&opc=decorado&exp=PARAGUAY&tmp=/tmp/fileagXv3Y; acessada em 28 de agosto de 2010. Segundo consta, o filme é uma película 35 mm p&b, com 16 min 43 s, intitulada "Matto Grosso e Paraná: fronteiras com o Paraguay e Argentina" e está tombada no Museu do Indio sob n° SN00709X NOX.

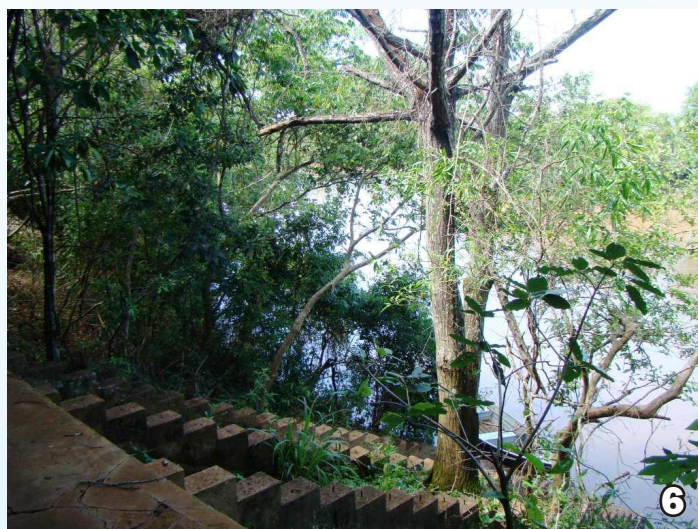



Figura 10. Remanescentes das edificações em Porto Felicidade: residência (1,2) e barracão que era usado para armazenamento e distribuição das sacas de erva-mate que provinham da Fazenda Campanário e seguiam pelo Rio Amambaí, mostrando vista frontal (3), detalhes arquitetônicos laterais (4) e fundos (5,6) como os testemunhos da rampa que dava no Rio Amambaí (Foto: F.C.Straube).

estação de colecionamento é procedimento valioso e extremamente preciso para o resgate de informações. Nesse sentido, pode-se admitir que houve uma única localidade de onde procedem os exemplares atribuídos ao "*Rio Amambahy*" que estaria na cota de 198,12 metros s.n.m. de seu curso fluvial.

Se tomarmos o exemplo da Fazenda Campanario e confrontarmos as altitudes precisas (420 m) e informadas (1200 ft) (*cf*. Naumburg, 1935), teremos uma diferença altitudinal de 55 metros, que deve ser o desvio, para menos, das anotações indicadas. Com esse número se pode chegar a uma altitude aproximada do ponto onde Kaempfer esteve trabalhando no Rio Amambaí (cerca de 230 m) que, por sinal, aproxima-se muito da localização onde está Porto Felicidade. Aqui cabe lembrar que a cidade de Amambai, mencionada por Naumburg (1935) como visitada por Kaempfer, não foi sequer considerada em seu trajeto, tal como nos

Figura 11. Automóveis não eram incomuns, em plena década de 20, em locais emergentes como a Fazenda Campanário (Fonte: acervo Fazenda Campanário).

mostram as informações colhidas de seus rótulos, nominalmente e altitudinalmente falando. Essa pequena cidade do Mato Grosso do Sul[4] está entre 450 e 500 metros de altitude, portanto em elevações expressivamente maiores do local indicado nos rótulos de Kaempfer.

Com base nessa conclusão, o naturalista teria simplesmente usado a rodovia ali existente para seus deslocamentos. Por meio de uma incursão de nove dias (22 a 30 de junho), estabeleceu-se em Porto Felicidade, local que – naquela época – já dispunha de condições para o alojar, inclusive com disponibilidade de fornecimento de alimento e água potável. Cabe ressaltar que, até os anos 20, todos os gêneros de primeira necessidade chegados a Campanário provinham de Buenos Aires e isso apenas se modificou com a presença da Ferrovia Sorocabana em Porto Epitácio quando víveres ali aportavam originários do interior de São Paulo (Guillen 2003). De qualquer forma, as condições para um viajante não deveriam ser fáceis, exigindo que – em certos pontos – ele se obrigasse a contar com a presença dessa estrutura mínima.

Se esse foi o itinerário tomado, então a enigmática "Fazenda São Francisco" estaria situada entre Porto Esperança e a Fazenda Campanário, especificamente em algum local ao longo da estrada carroçável que ligava ambas as localidades e que era francamente utilizada para o escoamento da erva-mate entre a região de extrativismo e o porto fluvial. A cronologia confere. Ali estivera em 3 de junho para, três dias depois, já aparecer novamente na Fazenda Campanário. Infelizmente não foi possível identificar com precisão o ponto onde essa fazenda se situava, mas, pela tese aqui defendida, teríamos apenas o intervalo de 55 km entre Campanário e Porto Felicidade, o que já ajuda bastante na compreensão de todos os desdobramentos biogeográficos que um lapso desse poderia levar (*vide* adiante). Provavelmente outras pesquisas de campo ou mesmo junto aos registros de terras contemporâneos poderão resolver definitivamente essa questão.

Fontes adicionais para esse assunto podem ser ainda obtidas a partir das fontes aqui consideradas. Isso porque, segundo os rótulos originais de Kaempfer, alusivos aos (somente) sete exemplares por ele colecionados (AMNH-319384, 319412, 319425-319426 e 321806 a 321808) no local, consta claramente a altitude de 1200 feet (=365,76 metros) que, por sinal, também é mencionada por Naumburg (1935), mas com a seguinte advertência: "*Altitude seems to high but given by collector*", mostrando que ela própria suspeitou da suposta localização perto de Porto Murtinho.

Cabe adicionar que os últimos três desses espécimes incluem informação relevante no sítio de coleta: "*Campanario, São Francisco*", o que leva a crer que a tal localidade situar-se-ia nada menos do que nos próprios arredores da grande fazenda, o que pode ser confirmado pelos valores altitudinais.

A questão agora se volta ao percurso de saída do Mato Grosso do Sul. A última data de colecionamento em Campanário foi 17 de julho de 1930 e sabe-se que, depois disso, aparece apenas a data de 25 de julho, já em "*Niu Pona (Rio Ypané)*" (Paraguai). Essa localidade se trata, na realidade, da "*Estancia Ñu Porá*" (Hayes 1995:23°09'S/56°19'W), localizada no Departamento de Concepción e banhada pelo Rio Ypané. Depois disso, Kaempfer ainda esteve em "*Belén*", também às margens deste rio e, em seguida, visitou vários outros pontos do Paraguai oriental, antes de seguir para o Chaco.

Esse *Rio Ypane*, cujo curso é mais ou menos paralelo ao dos rios Apa e *Aquidabán* (a norte) e *Aguaray guasu* e *Jejui guasu* a sul, é um afluente do Rio Paraguai, em cuja foz está a cidade de Concepción. Ele nasce na Serra de Maracajú, na fronteira litigiosa entre o Brasil e o Paraguai (*cf.* Straube 2003) a poucos quilômetros da cidade de Ponta Porã. Ocorre que esse núcleo urbano fronteiriço, situa-se a 76 km por estrada da Fazenda Campanário, com a qual mantinha ligação

[4] A maior parte dos mapas e diversas fontes da literatura consideram um topônimo Amambai oxítono e com acento agudo na última sílaba ("Amambaí"). No entanto, a pronúncia utilizada em toda a região é paroxítona (portanto "Amambái"). A origem do erro é provavelmente ligada ao Departamento paraguaio homônimo (Amambay), cuja capital é Pedro Juan Caballero. Ocorre que, em guarani, o verbete alusivo corresponde a amambái, ou seja, samambaia ou toda a sorte de pteridófitas de pequeno porte; Amambay é, ao pé-da-letra, traduzido como "rio das samambaias" pela aglutinação dos étimos "amambái + y".

Figura 12. Pontos de coleta, principais marcos toponímicos e itinerário presumido (linha vermelha) de Emil Kampfer no estado do Mato Grosso do Sul (Fonte: adaptado de imagem do Google Earth).

rodoviária trivial, inclusive por ter sido uma das sedes da *Matte Larangeira* (Lima-Figueiredo 1949). Parece claro, assim, que Kaempfer tomara essa rota para adentrar a República do Paraguai.

Indícios comparáveis podem ser colhidos inclusive, do idêntico roteiro seguido pela "1° Divisão Revolucionária" (Coluna Prestes) em maio de 1925 quando, a partir de Guaíra, ocupou Porto Felicidade, depois Campanário e dali seguiu para Ponta Porã (Donato 1986:235, Meireles 1995).

Implicações biogeográficas

O assunto aqui discutido poderia parecer pouco importante no que diz respeito a um pequeno itinerário e que gerou um pouco expressivo montante de espécimes, sendo que a correção deste deslize bibliográfico já fora alertada por Straube *et al*. (2006).

A importância da discussão, no entanto, é amplificada pelo significado biogeográfico deste equívoco, o qual poderia aferir erroneamente a presença de espécies típicas da bacia hidrográfica do Rio Paraná em pontos profundamente diferentes, já sob forte influência do Chaco. Uma ilustração desta problemática aparece na distribuição, por exemplo, de *Penelope superciliaris* que, no mapa apresentado por Vaurie (1966) figura com um ponto de registro no local onde corretamente seria a Fazenda São Francisco (sul do Mato Grosso do Sul) e não nas imediações de Porto Murtinho, onde a espécie não consta ocorrer (Short 1975 e Straube *et al*. 2006). Esse cracídeo é pouquissimamente registrado no Pantanal (Tubélis & Tomas, 2003) e, no Mato Grosso do Sul, suas populações concentram-se a leste da Serra de Maracaju ou, ainda, em pontos isolados com florestas estacionais (p.ex. Parque Nacional de Serra da Bodoquena), as quais se constituem o seu principal ambiente de ocorrência.

Outra informação interessante refere-se a *Pyriglena leucoptera*, sobre a qual Zimmer (1931b:9) se expressa claramente sobre material de Kaempfer guardado no *American Museum of Natural History*: "*The record from southern Matto Grosso ('Campanario, Sao Francisco Ranch') constitutes an extension of the range of this form* [Pyriglena leucoptera leucoptera]...". Essa indicação tem relevância não somente biogeográfica como histórica. Embora seja mencionada na avifauna de algumas regiões do Paraguai oriental (Hayes 1995), a espécie em questão conta com escassos registros

no Mato Grosso do Sul, todos confinados à pequena porção da Mata Atlântica que ali encontra seu limite de distribuição.

Considerando, ainda, que Zimmer (*op.cit*) trata todas as espécies modernamente incluídas no gênero como subespécies de *P.leucoptera* (inclusive *P.leuconota* e, tentativamente, também *P.atra*), a consideração desse registro para os domínios do Chaco (levando-se em conta a localização da "Fazenda São Francisco" por Naumburg, 1935) poderia levar a importantes problemas distribucionais. Isso porque, a forma ocorrente ao longo do Rio Paraguai é *Pyriglena leuconota maura* a qual, inclusive, é passível de consideração futura como espécie plena, em virtude de diferenças morfológicas, vocais e da extensa zona de parapatria com as suas "coespecíficas" da Amazônia e Centro Pernambuco. Corrigir o registro de *P.leucoptera* como efetivamente situado no sul do Mato Grosso do Sul é coerente no ponto de vista de vegetação e das exigências ecológicas da espécie, tida como endêmica da Mata Atlântica. Além disso, concorda com a inexistência de zona de contato (ou, no máximo de parapatria) entre ambas as formas o que, de fato, não ocorre em virtude de uma distância de várias centenas de quilômetros.

Esse assunto é também relevante porque correlaciona biogeografia com o necessário aprofundamento sobre certos registros antigos, os quais merecem avaliação profunda como esse que aqui apresentamos. Tendo Zimmer analisado o material de Kaempfer do *American Museum of Natural History* e publicado diversas menções explícitas a uma localidade "*Campanario, São Francisco Ranch*", qual a razão de Naumburg, quatro anos depois, baseada em mesmo material, ter indicado a localidade como próxima de Porto Murtinho? A razão talvez nunca seja explicada, mas, no entanto, oferece mais pistas que devem ser consideradas em futuros estudos com o material de Kaempfer, já que Elsie Naumburg não apenas se baseou nas informações originais descritivas enviadas por via postal por Kaempfer. Ela também hipotetizou, esse é o termo, as respectivas localizações com base única e exclusivamente em mapas e, pelo menos nesse caso, acabou criando um problema extensível à própria distribuição de algumas espécies. O alerta aqui fica lançado para análises de distribuição que contemplem cegamente a revisão toponímica de Naumburg. É provável que outras incoerências sejam reconhecidas e, assim, revisores precisam ter a devida cautela para evitar erros que dificilmente seriam reparados no futuro, particularmente para táxons cuja situação taxonômica e biogeográfica encontra-se ainda pendente.

Agradecimentos:

Os autores são gratos à Biodinâmica Engenharia e Meio Ambiente, em nome de Fabrícia Guerreiro Massoni, pelas facilidades logísticas. Pelas informações agradecem a Valdemir Ferreira de Souza (gerente administrativo de Fazenda Campanário), a Adão Daniel Filho (Adão Preto), nosso informante de 76 anos de idade residente em Juti (MS) e a Thomas Trombone, que nos permitiu o acesso ao banco de dados do *American Museum of Natural History* de Nova-York. Este estudo contou com a dedicada revisão do amigo Sérgio Rubens, a quem demonstramos nosso profundo reconhecimento.

Referências bibliográficas:

Baratti, D. & P.Candolfi (1999). *Vida y obra del sabio Bertoni:* Moisés Santiago Bertoni (1857-1929), un naturalista suizo en Paraguay. Assunção, Helvetas. 334 pp.

Belton, W. (1984). Birds of Rio Grande do Sul, Brazil. I. Rheidae through Furnariidae. *Bulletin of the American Museum of Natural History* 178(4):371-631.

Belton, W. (1985). Birds of Rio Grande do Sul, Brazil. I. Formicariidae through Corvidae. *Bulletin of the American Museum of Natural History* 180(1):1-241.

Bertoni, A. de W. (1901). *Aves nuevas del Paraguay: continuación á Azara*. Assunção. H.Kraus. 216 p.

Camargo, H.F. de A. (1962). Sôbre a viagem de Emil Kaempfer ao Brasil. *Papéis Avulsos do Departamento de Zoologia de São Paulo* 15:79-80.

Donato, H. (1986). *Dicionário das batalhas brasileiras*: dos conflitos com indígenas aos choques da Reforma Agrária (1996). São Paulo, Ibrasa. 2° edição revista, ampliada e atualizada.

Guillen, A.C.M. (2003a). A luta pela terra nos sertões do Mato Grosso. *Estudos Sociedade e Agricultura 12*:148-168.

Guillen, A.C.M. (2003b). Cidades no Sertão: centros de trabalho e resistência fabril. A história de Campanário e Guaíra. *Territórios e Fronteiras 4*(2):101-120.

Guillen, A.C.M. (2007). O trabalho de Sísifo: escravidão por dívida na indústria extrativa da erva-mate (Matto Grosso, 1890-1945). *Varia Historia 23*(38):615-638.

Lima-Figueiredo, [J.de]. (1937). *Oéste paranáense*. São Paulo, Companhia Editora Nacional. Brasiliana, Série 5ª, Volume 97: Biblioteca Pedagógica Brasileira. 197 p.

Lima-Figueiredo, [J.de]. (1942). O Rio Paraná no roteiro da Marcha para o Oeste. *Revista Brasileira de Geografia 4*(1):143-148.

Lima-Figueiredo, [J.de]. (1944). Paraná-oeste. *Revista Brasileira de Geografia 6*(4):527-536.

Lima-Figueiredo, [J.de]. (1947). O sul de Matto Grosso. *Boletim Geográfico 5*(55):816-819.

Lima-Figueiredo, [J.de]. (1949). O Ramal de Ponta Porã. *Boletim Geográfico 7*(75):270-272.

Meirelles, D. (1995). *As noites das grandes fogueiras: uma história da Coluna Prestes*. Rio de Janeiro, Record.

Melo e Silva, J. de [1939]. (2003). *Fronteiras guaranis*. Campo Grande, Instituto Histórico e Geográfico do Meto Grosso do Sul. 2° edição, atualizada e anotada por Hildebrando Campestrini. 237 pp.

Melo e Silva, J. de [1947] (2004). *Canaã do oeste*. Campo Grande, Instituto Histórico e Geográfico do Meto Grosso do Sul. 2° edição, atualizada e anotada por Hildebrando Campestrini. 163 pp.

Naumburg, E.M.B. (1928). Remarks on Kaempfer's collection in Eastern Brazil. *Auk* 44(1):60-65.

Naumburg, E.M.B. (1935). Gazetteer and maps showing stations visited by Emil Kaempfer in eastern Brazil and Paraguay. *Bulletin of the American Museum of Natural History* 68: 449-469.

Naumburg, E.M.B. (1937). Studies of birds from eastern Brazil and Paraguay, based on a collection made by Emil Kaempfer: Conopophagidae, Rhinocryptidae, Formicariidae (part). *Bulletin of the American Museum of Natural History* 74(3):

Naumburg, E.M.B. (1940). Studies of birds from eastern Brazil and Paraguay, based on a colletcion made by Emil Kaempfer: Formicariidae (part). *Bulletin of the American Museum of Natural History* 76(6):231-276.

Nogueira, J. (1920). *Do Rio ao Iguassú e ao Guayra*. Rio de Janeiro, Editora Carioca. 168 pp.

Pacheco, J.F. & C. Bauer. (1994). A coleção de aves preparadas por Adolf Schneider em Porto Quebracho, Mato Grosso do Sul, Brasil, em 1941. ***Notulas Faunisticas* 64**:1-7.

Pacheco, J.F. & C.Bauer. (1995). Adolf Schneider (1881-1946): alguns dados sobre a vida e a obra do chefe da expedição de 1939 do Museu de Ciências Naturais de Berlim que trouxe Helmut Sick para o Brasil. *Atualidades Ornitológicas* 65:10-13.

Paynter-Jr., R.A. & M.A.Traylor-Jr. (1991). *Ornithological gazetteer of Brazil*. Cambridge, Museum of Comparative Zoology. 788 pp., 2 vols.

Pivatto, M.A.C., D.D.G.Manço, F.C.Straube, A.Urben-Filho & M.Milano, M. (2006). Aves do Planalto da Bodoquena, Estado do Mato Grosso do Sul (Brasil). *Atualidades Ornitológicas* 129. Disponível online em http://www.ao.com.br/download/bodoq.pdf.

Short, L.L. (1975). A zoogeographical analysis of the South American Chaco avifauna. *Bulletin of the American Museum of Natural History* 154(3):163-352.

Silveira Neto, M.A. da. (1914). *Do Guayra aos saltos do Iguassú*. Curitiba, Tipografia do Diario Oficial. 13 7pp.

Straube, F.C. (2003). Bases legais para a identificação dos limites territoriais do Brasil na fronteira com o Paraguai e suas implicações para a consideração de registros ornitológicos. *Ararajuba 11*(1):131-135.

Straube, F.C. & P.Scherer-Neto. (2001). História da Ornitologia no Paraná. p.43-116. *In*: F.C.Straube (Ed.). *Ornitologia sem fronteiras*, incluindo os resumos do IX Congresso Brasileiro de Ornitologia (Curitiba, 22 a 27 de julho de 2001). Fundação O Boticário de Proteção à Natureza, Curitiba.

Straube, F.C., A.Urben-Filho, M.A.C.Pivatto, A.P.Nunes & W.M.Tomás, W.M. (2006). Nova contribuição à Ornitologia do chaco brasileiro (Mato Grosso do Sul, Brasil). *Atualidades Ornitológicas* 134.

Tubélis, D. P. & W.M.Tomas. (2003). Bird species of the Pantanal wetlands, Brazil. ***Ararajuba* 11**(1):5-37.

Vanzolini, P.E. (1992). *A supplement to the Ornithological Gazetteer of Brazil*. São Paulo, Museu de Zoologia. 252 pp.

Vaurie, C. (1966). Systematic notes on the bird family Cracidae. No. 6: Review of nine species of *Penelope*. *American Museum Novitates* 2251:1-30.

Wachowicz, R.C. (1982). *Obrageros, mensus e colonos*: história do oeste paranaense. Curitiba, Editora Vicentina.

Zimmer, C.T. (1931a). Studies on peruvian birds. I: New and other birds from Peru, Ecuador, and Brazil. *American Museum Novitates* 500:1-23.

Zimmer, C.T. (1931b). Studies on peruvian birds. II: Peruvian forms of the genera Microbates, Ramphocaenus, Sclateria, Pyriglena, Pithys, Drymophila, and Liosceles. *American Museum Novitates* 509:1-20.

Hori Consultoria Ambiental, Curitiba/PR
(http://www.hori.bio.br).
E-mail: [1]. fernando@hori.bio.br; [2]. beto@hori.bio.br.